

Considerações finais

Como tentamos enfatizar ao longo deste trabalho, a originalidade do pensamento de Merleau-Ponty consiste no esforço de jamais ultrapassar a experiência ingênua e espontânea de mundo. Ao contrário do pensamento metafísico tradicional, cuja primeira atitude é tentar descobrir a verdade “por trás” das aparências, o filósofo toma o aparecer como ponto de partida e medida sempre retomada para a sua reflexão.

Dois temas anteriormente irrelevantes para a filosofia passam, assim, a ocupar o centro desta obra – o corpo próprio e o mundo sensível. Como a análise da sensação revelou, estes dois termos, na verdade, constituem duas faces de um mesmo ato. Visto mais como um acontecimento do que como uma operação cognitiva, a percepção aparece assim como ponto de integração entre o que até então se supunham instâncias separadas e autônomas – o sujeito e o objeto.

O perceber anuncia em si todos os temas com os quais Merleau-Ponty se ocupa. Até mesmo o pensamento, antes aliado à como propriedade inalienável e exclusiva da subjetividade, passa a ser incluído dentre estas questões. Apesar de diversos filósofos reconhecerem a percepção um modo “introdutório” de contato com o mundo, este momento seria ultrapassado ao entrarem em jogo as verdadeiras atividades caracterizadamente humanas – tal como o pensamento e o conhecimento.

Merleau-Ponty tenta mostrar, por outro lado, como a percepção jamais pode ser tomada como momento acessório na constituição da subjetividade. Ao fazermos isto, passamos justamente pelo mistério maior da experiência encarnada – o de como um mundo pode chegar a se constituir e fazer sentido. Apenas um ser encarnado pode elaborar pensamentos, possuir uma idéia, assim como se engajar numa atividade simples, tal como dirigir um carro, ou escrever um livro.

A princípio possuindo uma diferença essencial em relação à matéria inanimada, o corpo guarda com o sensível um parentesco jamais ultrapassado, uma vez que é constituído do mesmo material. Ao mesmo tempo, o corpo veicula uma

existência individual, abre um modo específico de estar no mundo. É o corpo, portanto, o verdadeiro sujeito da percepção.

De acordo com Merleau-Ponty, a união com o sensível jamais pode ser ultrapassada, nem mesmo pela suposição metafísica de onipotência do pensamento e da Verdade. O passo inicial do pensamento de Merleau-Ponty, tal como o próprio filósofo afirma, tenta retirar os termos absolutos metafísicos de uma auto-suficiência e fazê-los “descer à terra”¹. Esta “descida” marca, com a afirmação da impossibilidade teórica de uma total sublimação do sensível, o contato sempre implícito entre sujeito e mundo. Nossa abordagem aqui procurou delinear este movimento de descida, realizado plenamente com a imagem da comunhão.

O caminho da instância metafísica da filosofia para o contato direto com a experiência se encontrou de acordo com uma imagem que seria apropriada evocar aqui. Durante o processo de elaboração deste trabalho, ela se manteve constantemente presente, a princípio apenas como uma analogia distante, no entanto, cada vez mais de acordo com o pensamento de Merleau-Ponty, a ponto de ter determinado como os capítulos e a disposição de idéias foram desenvolvidas.

Poucas imagens pareceram melhor traduzir o significado do pensamento de Merleau-Ponty do que uma deparada, por acaso, fora dos textos bibliográficos de base deste trabalho. Ela saiu da leitura dos sermões de padre Antônio Vieira, e se refere ao significado da encarnação de Cristo na religião católica e, mais especificamente, como este tema se desdobra em sua obra².

Discutido por filósofos e teólogos desde o início do cristianismo, o significado da encarnação passa ao centro das preocupações dos sermões de Vieira, em especial num momento específico da cerimônia católica. Antônio Vieira, numa das colocações sobre o significado da trindade, o traduz da seguinte forma:

...o Padre gerou o Filho, e o Padre e o Filho produziram o Espírito Santo: multiplicado Deus por este modo em três Pessoas distintas, o mesmo Deus que estava indigesto e indistinto na unidade divina, ficou digesto e distinto na multiplicação da Trindade (ANTÔNIO VIEIRA, 2003, pág. 38).

¹ MERLEAU-PONTY, 1989, pág 42.

² É importante não esquecer como o cristianismo tradicional nutriu um desprezo pelo corpo. Antônio Vieira, dentre alguns outros autores, no entanto, parecem constituir uma exceção a esta tendência.

Como defende Antônio Vieira, ao se fazer três, Deus, antes ele próprio informe e incriado, se torna criado e visível na figura de Cristo. Como esta divisão torna Deus “digesto”? Pelo ato da encarnação, o que era antes pura transcendência se insere na existência espaço-temporal, mantendo, ao mesmo, ao mesmo tempo, uma transcendência que não supera a presença encarnada na figura de Cristo.

O que isto teria a ver com o pensamento de Merleau-Ponty? O próprio filósofo repete diversas vezes como a noção tradicional de sujeito se encontra mais próxima de um espírito absoluto, ou até do próprio Deus, do que de um sujeito encarnado. Toda a filosofia de Merleau-Ponty parece ser, desta maneira, uma tentativa de inscrever uma instância puramente transcendente no plano do mundo sensível.

Os comentários de Alcir Pécora sobre Antônio Vieira nos ajudam a confirmar a pertinência desta comparação. De acordo com o autor, o padre possui como principal característica a negação de qualquer possibilidade de revelação transcendente de Deus. Enquanto o homem vive no espaço e no tempo, a substância divina apenas pode se revelar inserida neste contexto. Isto faz com que a religião não seja jamais um deslocamento para fora do mundo, como a experiência mística e individual de um ser privilegiado. Temos, ao contrário, um modo de comunhão que se dá através do sensível e, enquanto acessível aos sentidos, envolve uma coletividade capaz de apreendê-lo:

...o movimento da ascese individual para Deus inverte a sua direção e multiplica as pessoas constituídas nele: torna-se, enfim, um movimento de descida de Deus até o chão impuro em que vive a coletividade dos homens...O mundo, para Vieira, é o eixo inevitável de toda relação de Deus com o homem, e não faria o menor sentido imaginar a este fora de sua determinação essencial, que inclui a matéria. (PÉCORA, 2003 pág. 12; 153).

Em Merleau-Ponty, de maneira semelhante, o pensamento não pode ser entendido como deslocamento ascendente a um plano atemporal. Nem sujeito, nem objeto são alcançados fora do contexto sensível do devir, e apenas existem neste âmbito. Isto não quer dizer, no entanto, que ambos estes termos, metafísicos por excelência, sejam negados. O filósofo afirma, ao contrário, uma necessária contextualização e “limitação” de suas existências.

No entanto, ao invés de entender a situação sensível como limitativa, Merleau-Ponty busca refletir sobre este novo modo de aparecimento, uma vez que ele é o único possível. O pensamento, da mesma maneira, passa a ser entendido como materialização de uma intenção significativa. A linguagem, ao invés de tradução ocasional do pensamento, é som, articulação de palavras. Ao mesmo tempo, ela se enraíza na fala como gesto de um ser encarnado que, assim como necessita mover as pernas para se locomover, utiliza o aparelho fonatório ou o monólogo silencioso para realizar um pensamento. Assim como o Deus encarnado, a experiência subjetiva, mesmo privada³, apenas toma lugar assumindo uma materialidade.

Como resultado final, temos um corpo que assume um modo de existência atribuído pela religião católica unicamente a Cristo. A estrutura corporal se alia à conduta significativa e simbólica dos gestos, dentre os quais se inclui a fala. Basta evocarmos mais uma vez a afirmação de Merleau-Ponty de que “os comportamentos criam significações que são transcendentais em relação ao dispositivo anatômico, e, no entanto, imanentes ao comportamento”⁴.

Mas este movimento de encarnação não se realiza apenas no sujeito inseparável do corpo. Segundo julgamos, o pensamento de Merleau-Ponty, ao mesmo tempo em que encarna o sujeito, faz o mesmo com o objeto. Antes um extrato extenso, os objetos se revestem de qualidades sensíveis, deixam de ser conceitos mentais ou realidades autônomas.

O filósofo Michael Hardt, ao comentar o significado da encarnação de Cristo, afirma:

A encarnação é, antes de mais nada, uma metáfora da tese de que essência e existência do ser são uma única e mesma coisa. Não existe uma essência ontológica que se encontre além do mundo, assim como nenhum ser vivo, Deus ou a natureza estão fora da existência; ao contrário, tudo é plenamente realizado, tudo se expressa completamente na carne. (HARDT, 2004, pág. 21)

Ora, exatamente este foi o movimento que destacamos ao longo deste trabalho, no qual as essências tradicionais da metafísica se “dessubstancializam” e se

³ “...toda a consciência é consciência perceptiva, mesmo a consciência de nós mesmos” MERLEAU-PONTY 1989, pág. 42.

⁴ MERLEAU-PONTY, 1945, pág. 230

inscrevem no plano da experiência concreta. Tanto o sujeito como o objeto, concebidos modernamente como pura idealidade, se vestem assim de uma inseparável existência no espaço e no tempo. O movimento de encarnação, portanto, se dirige também ao mundo das coisas⁵.

Obviamente poderíamos apontar como diferença o fato da religião, assim como Antônio Vieira, não negarem a realidade transcendente de Deus. O modo único pelo qual a divindade se torna acessível não compromete a realidade e autonomia de sua substância, mas apenas assinala a abertura de uma comunicação com o humano. Em Merleau-Ponty, por outro lado, nem sujeito, nem objeto podem ser afirmados como puras transcendências que, ocasionalmente, assumem formas sensíveis, mas apenas existem enquanto tal.

No entanto, as semelhanças entre o pensamento de Merleau-Ponty e Antônio Vieira não se esgotam aí. Após a sua ressurreição, Jesus instituiu o próprio corpo e sangue como base da cerimônia da Eucaristia. A hóstia e o vinho aí oferecidos não seriam uma evocação distante nem simbólica do corpo de Cristo, mas a sua própria presença.

De acordo com o orador, o sacramento representa o mais importante termo de ligação divina com o homem. Segundo Alcir Pécora, em Vieira “a forma mais geral do contato do homem com o transcendente seria dada justamente pelo modo sacramental”⁶. Para Antônio Vieira, o sacramento representa o momento crucial em que Deus perpetua a sua presença entre os homens:

Não de balde institui Cristo o Divino sacramento de noite, quando, por uma presença que nos levou da vista nos deixou muitos à fé. Mete-se o sol no ocidente, escurece-se o mundo com as sombras da noite, mas se olharmos o céu, veremos o mesmo sol multiplicado em tantos sóis menores quantas são as estrelas sem-número, em que ele substitui a sua ausência, e não só se retrata, mas vive. Assim se ausentou Cristo de nós sem se ausentar, deixando-se abreviado sim no Sacramento, mas multiplicado em tantas presenças quantas são as hóstias consagradas em que o adoramos e temos realmente conosco. (VIEIRA, 2003, pág. 117).

⁵ Não parece ser, deste modo, à toa que, no final de sua carreira, especialmente em *O visível e o invisível*, Merleau-Ponty fale de uma mesma e única carne constituinte do corpo humano e da matéria das coisas. Este termo, no entanto, assume em Merleau-Ponty uma complexidade que não cabe ser discutida neste trabalho. Nossa suposição apenas aponta para o surgimento de tal noção de encarnação.

⁶ PÉCORA, Alcir, 2008, pág. 104.

A transubstanciação do pão em corpo de Cristo, é importante dizer, não mexe em nada a estrutura física do alimento, apenas o reveste com a presença divina. Este fragmento de matéria sacralizado se torna, então, o meio multiplicado pelo qual Deus se comunica.

Exatamente neste ponto a percepção pontiana parece se aproximar mais ainda de Antônio Vieira. A impossibilidade de sublimação dos traços sensíveis ou a redução a eles (no caso do empirismo radical) faz do sacramento um modo de existência semelhante à percepção de Merleau-Ponty.

Como citamos acima, a percepção guarda em si o paradoxo da imanência e transcendência. Já desde a mais ínfima visualização de uma mancha sobre um fundo, como vimos na experiência da *Gestalt*, alcançamos mais do que a situação presente materialmente oferece. Parece que toda a percepção guarda a estrutura do alimento oferecido no sacramento, uma vez que, através dela, o mundo aberto ao homem mantém sempre junto ao visível uma ordem de invisibilidade.

Sobre a ligação desta estrutura com o sacramento, o próprio Merleau-Ponty relaciona explicitamente:

Assim como o sacramento não somente simboliza sob espécies sensíveis uma operação da Graça, mas é a presença real de Deus, o faz residir num fragmento de espaço, e o comunica àqueles que, se interiormente preparados, comem o pão consagrado, da mesma maneira, o sensível possui não somente uma significação motora e vital, mas não é outra coisa do que um modo de ser no mundo que se propõe a nós de um ponto do espaço, que nosso corpo retoma e assume se é capaz, e a sensação é, literalmente, uma comunhão (MERLEAU-PONTY, 1945 pág. 257).

É essencial para a conexão com o sacramento a exigência colocada por Merleau-Ponty de uma “preparação” por parte do espectador. Mesmo mantida esta estrutura análoga à percepção pontiana de imanência e transcendência, simplesmente ingerir a hóstia sem uma conscientização do significado deste ato pouco acrescenta a quem a come. Apenas pela fé, em que se revitaliza o significado do sacramento, pode esta cerimônia transformar o fiel. Para isto, precisamos, seguindo ainda Padre Antônio Vieira, refletir sobre o significado de Cristo haver instituído sua presença num alimento, e não em outro objeto qualquer.

Se tornar alimento permite ao fiel se integrar à divindade. É assim que o padre vê na cerimônia do sacramento aquilo que denomina de “segunda encarnação”, termo final da presença divina na Terra:

Quando Deus se fez homem, foi para que por meio da carne do Verbo nos unisse a si, e fôssemos a mesma coisa com ele. - Mas isso não se efetuou no ato da Encarnação, em que o corpo de Deus e os nossos eram diversos, mas ficou reservado para a instituição do Sacramento, em que, unindo-se Cristo por meio da sua carne a cada um de nós, todos como membros seus ficamos um só corpo (VIEIRA, 2003, pág. 205).

A comparação feita por Merleau-Ponty com o sacramento diz respeito, no caso da religião, a esta integração com Deus. Mas, ao invés de uma estrutura religiosa, o filósofo coloca como elementos de ligação o homem e o mundo. Em ambos os casos, na religião católica e em Merleau-Ponty, é extremamente interessante como o corpo preside este contato.

Uma vez que, para Antônio Vieira, a comunicação com o divino apenas se dá sensivelmente, o contato mais íntimo entre Deus e o humano parece ser integrando a si o fragmento de matéria habitado pela presença. O corpo parece realizar a radicalidade de tal exigência, traduzindo perfeitamente esta experiência de comunhão. Apenas ele parece ser capaz de uma perfeita transubstanciação, ao integrar, pela digestão, um elemento material alheio numa parte de si próprio.

O corpo perceptivo, do mesmo modo, além de presidir a cada momento a ligação entre sujeito e mundo, permite também a plena união entre ambos. Tal o céu azul, citado no capítulo três, no qual aquele que percebe se perde e se confunde no percebido, este momento opera a fusão daquilo que o mundo oferece - as qualidades sensíveis -, com a atenção daquele que percebe. Novamente aqui, apenas o corpo é capaz desta operação.

Este momento foi chamado pela tradição de estético, como o ato especial em que os sentidos ocupam o centro da experiência. No entanto, se vimos que os sentidos jamais estão ausentes de qualquer percepção, o contato com o percebido se encontra parcialmente presente em qualquer percepção. A integração com o mundo não cria, deste modo, nenhuma nova relação, mas desnuda aquele que percebe de uma suposta separação em relação ao percebido.

O efeito deste contato vai muito além de uma especulação teórica. Já foi citado anteriormente como a configuração ontológica moderna reflete a experiência privada do homem contemporâneo. Desde a revolução científica, o corpo se despiu de qualquer influência externa que antes o ligava ao mundo, se isolando num núcleo solitário e apartado. Nem a natureza, nem a vida coletiva, nem a órbita dos planetas, nem a magia, parecem mais exercer qualquer influência sobre ele. O indivíduo, deste modo, “corta” os laços que antes o unia ao todo.

No âmbito da experiência individual, esta configuração moderna pode oferecer importantes avanços no que diz respeito à liberdade, por exemplo. No entanto, em Merleau-Ponty e nos artistas com os quais ele dialoga, a recusa em insistir numa investigação da subjetividade tenta encontrar um alargamento da experiência justamente pela tentativa de aproximação da realidade.

Para Francis Ponge, por exemplo, a tradição clássica já muito havia discursado sobre o sujeito e elaborado os mais sofisticados e complexos raciocínios. Todo este esforço, no entanto, teria levado o homem a uma complicação insuperável de complicação e isolamento. A solução comum ao poeta, a Merleau-Ponty, e aos demais autores aqui discutidos, parece tentar inverter o caminho metafísico – ao invés de levar adiante o discurso sobre o sujeito pelo que tem de único, aproximá-lo da existência concreta e mostrar o que ele possui de comum com o mundo sensível e com o outro. A imagem do contato corporal com a matéria ou com o outro parece representar perfeitamente esta nova tentativa.

Novamente aqui encontramos Antônio Vieira. De acordo com o padre, a presença divina no sensível não se limita à cerimônia do Sacramento. Constantemente Deus se mostra aos humanos, embora sempre de maneira velada. No entanto, ao contrário da hóstia e do vinho, que, após a atuação do orador, se sacralizam em um local específico, esta outra manifestação apontada por Vieira não possui lugar definido de manifestação. Sua oratória assume, desta maneira, um esforço de tentar revelar aos ouvintes os traços desta presença.

Se tomarmos o espanto da percepção em seu estado primário como um correlato da presença divina na matéria, ambos são acontecimentos ocasionais e dependem de um espectador preparado a experienciá-lo e torná-lo comunicável. É

esta tentativa de comunicação que aproxima Merleau-Ponty e seus artistas, e também a oratória de Antônio Vieira.

Assim como naquela frase em que Cézanne afirma querer assustar Paris com uma maçã, Merleau-Ponty parece tentar algo semelhante ao apontar que “o corpo, se retirando do mundo objetivo, revelará os fios intencionais que o ligam ao seu redor e finalmente nos revelará o sujeito perceptivo, assim como o mundo percebido”⁷. Como tentamos mostrar ao longo desse trabalho, e a relação final com Antônio Vieira nos auxiliou para reforçar esta idéia, o pensamento pontiano também deve ser entendido como uma religião, embora não no sentido de ligação com o divino. Assim como em Vieira, o pleno sentido desta religião se traduz na figura da comunhão. A percepção do mundo se torna comunhão com o visível; a experiência intersubjetiva, comunhão com o outro.

Seria difícil definir aqui exatamente o que Merleau-Ponty entende por esta comunhão reconquistada, questão sempre recolocada e aprofundada pelo filósofo. Esta não foi exatamente a proposta deste trabalho, que se centrou na inversão do caminho metafísico de sublimação do sensível e suas conseqüências. Tanto em relação à percepção primordial, momento em que o filósofo se une a Cézanne, quanto na investigação sobre a expressão, aliando-se à atividade dos escritores, todo o restante da obra posterior a *Fenomenologia da Percepção* se volta para discutir estes temas.

O esforço de Merleau-Ponty e dos artistas, deste modo, tenta ir ao encontro do elo perdido com a experiência concreta, realizado plenamente pela figura do contato – o mesmo contato com o corpo de Cristo e com os mistérios da presença divina entre os homens que Antônio Vieira buscava revelar, traduzida no contato com a coisa percebida e com o outro, momento em que não se distingue mais aquele que toca da coisa tocada.

⁷ MERLEAU-PONTY, pág. 100.